**Introdução**

O tema da nossa reunião de hoje é “Atire a Primeira Pedra”. Os ensinamentos de Jesus através da passagem evangélica da mulher adúltera foram tão profundos e de tal importância que a expressão “Atire a primeira pedra” incorporou-se à linguagem comum dos povos cristãos e é utilizada até hoje quando nós queremos expressar a ideia de que ninguém tem o direito de acusar ninguém pois todos nos encontramos em débito perante as leis divinas.

Vamos então iniciar as nossas reflexões relembrando a passagem da mulher adúltera. A narrativa encontra-se registrada no Evangelho de João, no capítulo 8, versículos de 3 a 11 e conta o seguinte:

*“Então, os escribas e os fariseus lhe trouxeram uma mulher que fora surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, – disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; – ora, Moisés, pela lei, ordena que se lapidem as adúlteras. Qual sobre isso a tua opinião?” – Diziam isto para o tentarem e terem de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. – Como continuassem a interrogá-lo, ele se levantou e disse: “Aquele dentre vós que estiver sem pecado, atire a primeira pedra.” – Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. – Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça.*

*Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: “Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?” – Ela respondeu: “Não, Senhor.” Disse-lhe Jesus: “Também eu não te condenarei. Vai-te e de futuro não tornes a pecar.”*

Antes de mais nada, vamos fazer uma pequena observação acerca dessa passagem. Algumas pessoas sentem uma certa revolta diante dessa narrativa porque nela não se fala do homem com quem a mulher cometera adultério. Por quê somente a mulher deveria responder por uma falta cometida por ela e por um homem? Isso causa a impressão de que a lei isentava o homem de responder pelo crime de adultério mas não era bem assim. Se nós recorrermos ao Antigo Testamento veremos que a pena para o homem que comete adultério está prevista. Em Levíticos, o livro que contém a lei dos sacerdotes, no capítulo 20, versículo 10 consta o seguinte: “*O homem que cometer adultério com a mulher do seu próximo deverá morrer, tanto ele como a sua cúmplice*”. Também no Deuteronômio, livro que vem reforçar a ideia de que servir a Deus não é apenas uma questão de seguir a lei mas de cumpri-la com amor, no capítulo 22, versículo 22 consta a pena para o crime de adultério: “*Se um homem for pego em flagrante deitado com uma mulher casada, ambos serão mortos, o homem que se deitou com a mulher e a mulher. Deste modo extirparás o mal de Israel*”. A passagem evangélica não nos dá maiores detalhes sobre as condições em que o adultério aconteceu e, portanto, não sabemos nada sobre o homem com quem aquela mulher cometera o adultério. O fato é que o verdadeiro objetivo dos escribas e fariseus ao apresentarem à Jesus a mulher adúltera não era fazer justiça; eles queriam tão somente colocar Jesus em contradição. A lei propriamente dita, nesse caso, ficou relegada a segundo plano.

No Evangelho Segundo o Espiritismo, a passagem da mulher adúltera é apresentada no capítulo X cujo título é “Bem Aventurados os que são Misericordiosos”. Nesse capítulo encontramos recomendações de Alan Kardec e da Espiritualidade quanto ao perdão, à reconciliação com os inimigos e ao não julgamento dos outros. E quando analisa a questão da mulher adúltera, Kardec nos fala da indulgência.

Podemos resumidamente dizer que a indulgência é a tolerância, a compreensão das faltas e das imperfeições alheias.

Kardec nos diz que a expressão “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado” faz da indulgência um dever para todos nós já que não há ninguém que não necessite de indulgência para si mesmo. E mais: que não devemos ser mais rigorosos com as faltas dos outros do que somos com nossas próprias faltas. Infelizmente, quase sempre nós agimos de maneira contrária: somos extremamente tolerantes com nossas faltas e muito severos com as faltas dos nossos irmãos. Para nós, criamos uma série de desculpas, de argumentos para justificar nossos erros. Para nossos irmãos, as mais duras críticas e pesadas exigências.

Querem um exemplo de como nós ainda nos encontramos distantes da verdadeira indulgência? Judas Iscariotes. Já se vão quase 2 mil anos desde que Judas traiu Jesus e ainda hoje nós o condenamos por seu erro como se nós mesmos não viéssemos cometendo o mesmo erro ao longo dos séculos. Recentemente tivemos a oportunidade de abordar a questão de Judas em uma outra palestra quando estudávamos uma lição de Emmanuel. Judas padeceu de terríveis sofrimentos nas regiões umbralinas pela traição de Jesus e pelo suicídio e precisou de séculos até poder redimir-se de seus erros na pessoa de Joana D’Arc na Europa do século XV. Já resgatou seu débito, ascendeu a planos superiores e nós aqui, passados 2 mil, continuamos condenando o discípulo de Jesus. E como o próprio Judas disse à Humberto de Campos na obra “Crônicas de Além Túmulo”, psicografia de Chico Xavier, nossa postura de condenação à Judas Iscariotes ainda hoje o entristece. Ele diz que olha complacentemente para todos nós que o acusamos sem refletirmos se temos o direito de atirar a primeira pedra.

Retornando ao Evangelho Segundo o Espiritismo, Kardec nos recomenda avaliar nossa própria condição diante das faltas alheias: se cometemos os mesmos erros de nossos irmãos então não temos o direito de condená-los. E mesmo que depois de nossa análise cheguemos à conclusão de que não cometemos uma determinada falta em particular, certamente cometemos outras e, portanto, somos igualmente necessitados de indulgência. Muito importante essa observação: se em nossa busca pela evolução espiritual nós já conseguimos colher algum fruto, isso não nos dá o direito de menosprezar nossos irmãos que ainda estão preparando o terreno do coração ou iniciando a semeadura. Muito antes pelo contrário.

Na terceira parte de “O Livro dos Espíritos”, que trata das leis morais, no capítulo 8 – Da Lei do Progresso -, na pergunta 779 a Espiritualidade nos explica que nem todos os homens progridem da mesma forma e no mesmo ritmo. E mais: que está nos desígnios de Deus que os homens mais adiantados, através do convívio em sociedade, auxiliem aqueles que seguem na retaguarda. Portanto, é uma obrigação nossa não apenas ser indulgentes com as faltas alheias mas também, tanto quanto possível, auxiliar nossos irmãos de caminhada em suas dificuldades. É assim que o progresso se dá entre nós. O que seria de nós, por exemplo, se o Irmão Glacus, o José Grosso, o Palminha e a Espiritualidade dessa casa virassem as costas para nós por causa dos nossos defeitos e das nossas faltas? O que seria de nós sem o auxílio deles? Mas eles conhecem a nossa condição espiritual; eles já vivenciaram esse estágio no qual nos encontramos. E justamente por essa razão eles não nos atiram pedras. Ao contrário: estendem-nos mãos amigas e fraternas, nos alertam para a necessidade de superarmos nossas dificuldades e estão sempre dispostos a nos auxiliar.

Quando nós ouvimos as recomendações da Espiritualidade que, em concordância com os ensinamentos de Jesus, nos aconselham a ser tolerantes com as faltas alheias, **[ parei aqui em 23/09/2014 ]**

**### Colocar aqui algum complemento da parte de Kardec e talvez alguma passagem de Emmanuel ###**

Na questão 625 de O Livro dos Espíritos a Espiritualidade nos esclarece que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus deu aos homens conhecer e que ele, Jesus, deve ser o guia e o modelo a ser seguido por nós. Jesus, como temos tido a oportunidade de aprender, não perdeu uma única oportunidade de ensinar exemplificando. Através das palavras, dos gestos e atitudes mais simples, o Mestre não desperdiçou um único ensejo de ensinar. Sendo assim, vamos analisar alguns aspectos da passagem evangélica da mulher adúltera, prestando atenção no comportamento de Jesus e verificando como as lições do Mestre aplicam-se a nós.

Comecemos por quem levou aquela mulher até Jesus: foram os escribas e os fariseus. Os escribas eram copistas das escrituras e eram também conhecidos como Doutores da Lei. Os fariseus eram rigorosos no cumprimento de rituais externos. Jesus criticava a ambos porque eles conheciam as leis, divulgavam-nas aos outros sem no entanto, aplica-las a si mesmos. Infelizmente nos dias de hoje ainda temos muitos escribas e fariseus e talvez eles sejam ainda mais entre nós, Espíritas. Através do Espiritismo nós temos tido a oportunidade de ampliar intensamente o horizonte do entendimento das leis de Deus e dos ensinamentos de Jesus. Portanto, quando agimos em discordância com essas leis e esses ensinamentos, nós o fazemos totalmente por nossa vontade e não por falta de entendimento. Assumimos os papéis de escribas e fariseus por nossa livre escolha.

Outro aspecto que precisamos considerar é o crime pelo qual aquela mulher fora levada diante de Jesus: o adultério. Em geral nós associamos a palavra adultério com o ato de infidelidade conjugal. No entanto, adulterar significa alterar, corromper, falsificar, deturpar. Portanto, incorremos em adultério todas as vezes que agimos contrariamente às leis de Deus e mais ainda quando nos julgamos em condições de atirar pedras em nossos irmãos de caminhada pois estamos adulterando a lei, tornando-a mais rigorosa para aquele a quem condenamos e mais brandas quando aplicada a nós mesmos.

### A indulgência do ponto de vista dos espíritos. Os 3 casos de O Céu e o Inferno ###

**Colocar aqui uma introdução a esse tópico.**

O primeiro caso é de um espírito feliz. Trata-se da viúva Foulon. Essa senhora era extremamente trabalhadora, de uma abnegação sem fim. Não media esforços e nem sacrifícios para ajudar aos necessitados. Aconteceu, no entanto, que em decorrência de suas meticulosas atividades, a visão da Sra. Foulon enfraqueceu-se, tornando-se pior a cada dia até chegar ao ponto de cegueira completa. Nessa fase de sua vida a Sra. Foulon toma contato com a Doutrina Espírita e encontra nela a explicação e o consolo para suas dores e seus sofrimentos. Adquiriu luz e discernimento e foi numa atmosfera de completa tranquilidade que ela desencarnou. Ao longo do processo de estudo da Doutrina Espírita a Sra. Foulon tornou-se grande amiga de Allan Kardec e sua esposa e em função dessa amizade eles resolveram evocá-la 3 dias após o seu desencarne. Ela atende ao chamado e explica aos participantes da reunião que estava livre das dores físicas impostas por sua enfermidade e estava muito feliz na condição em que se encontrava. E diante da tristeza da esposa de Allan Kardec pelos sofrimentos e pela desencarnação da Sra. Foulon, essa dirige algumas palavras de consolo à esposa de Kardec. E em determinado momento ela diz o seguinte:

“*Todos temos más tendências, às quais obedecemos, o que é uma lei suprema e comprobatória da faculdade do livre arbítrio. Portanto, tende indulgência e caridade, minha amiga, sentimentos esses de que mutuamente carecemos, quer no mundo visível, quer no invisível. Com tal divisa, tudo vai bem*.”

A Sra. Foulon é evocada novamente em reuniões posteriores e revela à Kardec que, devido à condição moral que ela alcançara, não seria mais necessário a ela encarnar na Terra. Então, vejamos meus irmãos: um espírito com essa condição moral, com um grau de elevação tal que não mais necessita encarnar na Terra, vem e traz uma mensagem, um pedido para que sejamos indulgentes e caridosos uns para com os outros pois somos igualmente necessitados, nos dois planos da vida, de caridade e indulgência.

O segundo caso que gostaríamos de apresentar é de um espírito com um grau de elevação intermediário. Trata-se de um conhecido comerciante em Paris, pai de família e pessoa bem quista pelos vizinhos. Aconteceu que o único filho desse homem foi convocado para lutar na guerra da Itália. O pai tentou de todas as formas eximi-lo de ingressar na guerra mas como não conseguiu, tomou uma resolução drástica e trágica: optou pelo suicídio. Sendo o seu filho, filho único e a esposa, tornando-se viúva, o rapaz viu-se finalmente isento de ingressar na guerra.

Passado um ano que esse homem suicidara, uma pessoa que o conhecera pede que ele seja evocado em uma reunião na Sociedade Espírita de Paris. Os participantes perguntam então ao Espírito São Luís se seria possível evocar aquele espírito. São Luís responde que sim e que aquela comunicação faria muito bem àquele suicida.

O espírito é então evocado e manifesta-se escrevendo com grande dificuldade. É interessante observar que no início da comunicação o espírito tenta escrever a palavra Deus mas não consegue por considerar-se indigno de escrevê-la. Então é feita a seguinte pergunta ao espírito: “O mal que você fez foi muito grande mas o motivo que o levou a cometer o suicídio foi digno. Isso não resultou em nenhum ato de indulgência para contigo?”. O espírito responde que sim e que por causa disso a pena que ele deveria sofrer seria abreviada.

Os evocadores perguntam ao espírito porque ele não conseguiu escrever a palavra Deus e ele responde que só poderia escrevê-la com grandes esforços de arrependimento. Convidam então o espírito a realizar esses esforços pois isso faria muito bem a ele e ele finalmente consegue escrever a frase “Deus é muito bom”. Eles agradecem ao espírito por ter atendido ao chamado e dizem a ele que rogarão a Deus para que Ele seja misericordioso com aquele irmão. O espírito também agradece e a comunicação encerra-se.

Allan Kardec faz a seguinte observação sobre o suicídio cometido por aquele homem:

“*A intenção era boa, e isso lhe atenua o mal provocado e merece indulgência; mas o mal é sempre o mal, e se o não fora, poder-se-ia, escudado no raciocínio, desculpar todos os crimes e até matar a pretexto de prestar serviços*”.

Dessa observação nós podemos concluir que não devemos deixar de ser indulgentes a pretexto de sermos justos. A justiça verdadeira cabe à Deus e não à nós. Só Ele conhece verdadeiramente a natureza e a extensão de nossas faltas e só Ele pode determinar como e quando quitaremos esses débitos. De nossa parte, meus irmãos, cabe-nos agir como agiram os amigos desse suicida: sendo indulgentes e procurando atenuar-lhe os sofrimentos, conscientes, porém, de que as faltas cometidas precisarão ser reparadas. Mas isso é entre aquele que errou e Deus.

O terceiro e último caso que trazemos é aquele no qual fica mais evidente a nossa necessidade de indulgência, de não atirar a primeira pedra. Trata-se do espírito Jacques Latour, um assassino conhecido que foi condenado e executado em setembro de 1864.

Latour manifestou-se espontaneamente numa reunião íntima realizada em Bruxelas e quando perguntado sobre o motivo de ter-se manifestado sem ser evocado ali, naquela reunião, ele responde que as almas que ali se encontravam eram compassivas e seriam piedosas para com ele. Disse também que em outras reuniões ou ele era evocado por mera curiosidade ou as pessoas afastavam-se dele horrorizadas.

O espírito conta que ele vive um pesadelo interminável sendo impossível a ele furtar-se aos olhares de suas vítimas que o perseguem a todo momento e em todos os lugares. Conta ainda que o tempo todo ele se sente inebriado pelo cheiro de sangue daqueles a quem ele tirou a vida.

Latour comunica-se sucessivas vezes em Paris e a cada comunicação os participantes das reuniões oram por ele e o convidam a orar também. Pouco a pouco seu sofrimento vai diminuindo embora ele ainda não possa furtar-se aos olhares de suas vítimas. E nessas sucessivas comunicações Latour não apenas aceita a existência de Deus – coisa que até então ele não admitia – como também reconhece e agradece a misericórdia divina para com ele.

Algum tempo depois Latour finalmente recebe a concessão divina de se ver livre dos olhares de suas vítimas. Ele reconhece a misericórdia divina, agradece profundamente por ela e roga a Deus, ali mesmo, naquele instante para que Deus dê a ele a oportunidade de voltar à Terra como um missionário da paz e da caridade. O guia protetor do médium através do qual Latour manifestara-se explica que ele, Latour, iniciará suas missões reparadoras indo para junto dos que lhe foram cúmplices, procurando inspirar-lhes arrependimento, implantando em seus corações o gérmen do remorso.

Latour então despede-se agradecendo a todos os que não se recusaram a se comunicar com ele. Pede que, quando se lembrarem dele, não pensem nele como sendo aquele espírito criminoso e sofredor da primeira manifestação, mas sim como uma alma angustiada que agradece profundamente pela indulgência daqueles que o receberam.

Continuar desse ponto fazendo uma conclusão sobre a indulgência vista por espíritos em condições diferentes: Sra. Foulon (espírito elevado), o suicida (espírito mediano) e Jacques Latour (espírito inferior).

### Término de A indulgência do ponto de vista dos espíritos. Os 3 casos de O Céu e o Inferno ###

* Visão dos espíritos sobre a indulgência: os 3 casos do livro O Céu e o Inferno
* Lição do livro Jesus no Lar
* Prática da indulgência pelos Espíritas: postura diferente diante de todo o entendimento que o Espiritismo nos tem proporcionado. Necessidade urgente da indulgência em decorrência dos quadros de violência atuais da humanidade

**Desenvolvimento**

**Conclusão**

E

### Emmanuel em O Consolador

**64 –***Em face da lei dos homens, quando em presença do processo criminal, deve darse*

*o voto condenativo, em concordância com o processo-crime, ou absolver o réu em*

*obediência ao “não julgueis”?*

-Na esfera de nossas experiências, consideramos que, à frente dos processos

humanos, ainda quando as suas peças sejam condenatórias, deve-se recordar a

figura do Cristo junto da pecadora apedrejada, pois que Jesus estava também

perante um júri.

*“Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra*” – é a sentença que deveria

lembrar, sempre, a nossa situação comum de Espíritos decaídos, para não

condenar esse ou aquele dos nossos semelhantes. “*Vai e não peques mais*” –

deve ser a nossa norma de conduta dentro do próprio coração, afastando-se a

erva do mal que nele viceje.

Nos processos públicos, a autoridade judiciária, como peça integrante da

máquina do Estado no desempenho de suas funções especializadas, deve saber

onde se encontra o recurso conveniente para o corretivo ou para a reeducação

do organismo social, mobilizando, nesse mister, os valores de sua experiência e

de suas responsabilidades.

Individualmente, porém, busquemos aprender que se podemos “julgar” alguma

coisa, julguemo-nos, sempre, em primeiro lugar, como o irmão mais próximo

daquele a quem se atribui um crime ou uma falta, a fim de estarmos acordes

com Aquele que é a luz dos nossos corações.

Nas horas comuns da existência, procuremos a luz evangélica para analisar o

erro e a verdade, discernir o bem e o mal; todavia, no instante dos julgamentos

definitivos, entreguemos os processos A Deus, que, antes, de nós, saberá

sempre o melhor caminho da regeneração dos seus filhos trabalhadores.

### Fim de Emmanuel em O Consolador

### Humberto de Campos em Boa Nova

A infeliz criatura retirou-se, experimentando uma sensação nova no espírito. A generosidade do Messias lhe iluminava o coração, em claridades vivas que lhe banhavam a alma toda. Mas, enquanto a pecadora se retirava, presa de intensa alegria, os poucos discípulos que se encontravam junto do Senhor não conseguiam ocultar a estranheza que lhes causara o seu gesto. Por que não condenara ele aquela mulher de vida censurável aos olhos de todos? Não se tratava de uma adúltera? Nesse ínterim, João se aproximou e interrogou:

– Mestre, por que não condenastes a meretriz de vida infame?

Jesus fixou no discípulo o olhar calmo e bondoso e redargüiu :

– Quais as razões que aduzes em favor dessa condenação? Sabes o motivo por que essa pobre mulher se prostituiu? Terás sofrido alguma vez a dureza das vicissitudes que ela atravessou em sua vida? Ignoras o vulto das necessidades e das tentações que a fizeram sucumbir a meio do caminho. Não sabes quantas vezes tem sido ela objeto do escárnio dos pais, dos filhos e dos irmãos das mulheres mais felizes. Não seria justo agravar-lhe os padecimentos infernais da consciência pesarosa e sem rumo.

– Entretanto – exclamou João, defendendo os princípios da lei antiga – ela pecou e fez jus à punição. Não está escrito que os homens pagarão, ceitil por ceitil, os seus próprios erros?

O Mestre sorriu sem se perturbar e esclareceu :

– Ninguém pode contestar que ela tenha pecado; quem estará irrepreensível na face da Terra? Há sacerdotes da lei, magistrados e filósofos, que prostituíram suas almas por mais baixo preço ; contudo, ainda não lhes vi os acusadores. A hipocrisia costuma, campear impune, enquanto se atiram pedras ao sofrimento. João, o mundo está cheio de túmulos caiados. Deus, porém, é o Pai de Bondade Infinita que aguarda os filhos pródigos em sua casa. Poder-se-ia desejar para a pecadora humilde tormento maior do que aquele a que ela própria se condenou por tempo indeterminado? Quantas vezes lhe tem faltado pão à boca faminta ou a manifestação de um carinho sincero à alma angustiada? Raras dores no mundo serão idênticas às agonias de suas noites silenciosas e tristes. Êsse o seu doloroso inferno, sua, aflitiva

condenação. EÉ que, em todos os planos da vida, o instituto da justiça divina funciona, natura!mente, com seus princípios de compensação.

### Fim de Humberto de Campos em Boa Nova